

Líder do PT garante que Bisol continuará sendo vice de Lula

O líder do PT na Câmara, Plínio de Arruda Sampaio, disse ontem que a Frente Brasil Popular não está interessada em negociar o lugar de vice na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva. "O vice no primeiro turno foi o José Paulo Bisol e continuará a ser José Paulo Bisol no segundo turno", enfatizou Plínio. "Não estamos colocando o vice em jogo, nossas conversas giram em torno de nosso programa de governo".

Nessa busca de alianças para o segundo turno, de acordo com Plínio, a preocupação é garantir a governabilidade de quem assumir a Presidência da República. "As negociações não são apenas para conseguir mais votos do que no primeiro turno, mas também para construir um esquema que permita enfrentar e solucionar a crise nacional". Nesse sentido, ele considera importante o apoio do PDT, "pelo conteúdo popular que Brizola demonstrou ter nessas eleições. Brizola tem história popular e história de luta democrática e nacionalista", disse Plínio.

Um encontro entre Lula e Brizola está inicialmente previsto para a próxima sexta-feira, no Rio de Janeiro. Plínio, até o início da noite de ontem, ainda não tinha confirmação do encontro. Mesmo assim, adiantou que antes de se fechar um acordo propriamente dito, os dois deverão discutir apenas as diretrizes de cada um dos programas elaborados pelos dois partidos. Ao ser indagado se a crítica feita por Lula aos Cieps poderia ser revista, Plínio respondeu: "Somos favoráveis à universalização do ensino de boa qualidade. Fomos contrários à técnica adotada e defendida por Brizola. Tivemos informações de nossos técnicos de que haveria limitações técnicas para a implantação de Cieps em todo o Brasil. Se ele nos apresentar uma solução técnica, não há nenhuma objeção de princípio ideológico que inviabilize esta proposta".

Plínio espera que todas as conversas do PT com os demais partidos girem apenas em torno de questões programáticas, porque em sua opinião "a votação de 15 de novembro demonstrou que a população rejeitou nas urnas o Brasil da transa e do conchavo". Ele admitiu que no governo da Frente Brasil Popular "cabem ministros de outros partidos, não apenas os que já estavam antes — PC do B e PSB, além do PT. Uma demonstração disto é que o deputado Oswaldo Lima Filho foi um dos responsáveis pela definição da questão agrária, e ele é do PMDB".

Ele admitiu que o tempo é curto para se definir todas as alianças no segundo turno. Por isso mesmo, já houve um primeiro contato com o presidente do PSDB, Franco Montoro. "Ele nos recebeu bem, disse que ouviria as nossas palavras e de Collor e as levaria à reunião do PSDB (que ocorreu ontem) e nos pediu para enviar documentos". Ao ser lembrado que ele havia chegado depois de Fernando Collor, Plínio ironizou: "Este é um dos nossos problemas. Temos uma campanha pobre, contra a campanha dele, que é dos ricos. Collor foi de carro e nós fomos a pé".

MARCOS HENRIQUE



Plínio: vice não está em jogo

Plínio deixou antever que a retórica do PT durante o segundo turno da campanha presidencial será a de que Luiz Inácio Lula da Silva é o candidato legítimo dos pobres, enquanto Fernando Collor é o candidato fabricado pelas elites dominantes. "A massa popular deixou um recado bem claro; quando votou em seus candidatos, ela quis dizer 'nós estamos aqui e queremos participar das decisões'". Essa minha avaliação vale tanto para o nosso eleitorado como para o eleitorado de Collor", explicou o parlamentar.

"O eleitorado da Frente Brasil Popular e do PRN é o mesmo, a diferença é que uma parte plugou (se ligou) nas Comunidades Eclesiais de Base, nos sindicatos, e entendeu por onde é explorado. A outra parte ficou à espera de um príncipe encantado, como se a vida real fosse uma telenovela", continuou o parlamentar. Ele disse ainda que a Frente será bem aceita pela classe média — que na avaliação de alguns analistas estaria temendo a vitória de Lula — "não se pode fazer um governo no Brasil apenas para um segmento social. Deve-se sempre ter em conta que se está governando para uma nação inteira. A classe média tem interesse em defender as forças progressistas, desde que haja um programa consequente, que satisfaça os anseios de democracia e distribuição de renda".

Ele também afirmou que a invasão do Ministério da Fazenda, por servidores públicos em greve, não foi um ato programado exclusivamente pelo PT. "Aquilo foi uma manifestação de funcionários que estavam defendendo o seu poder de compra, não tinha apenas militantes do PT, mas de todos os partidos, do PSDB, PFL, PMDB. Agora, um incauto estava com uma camisa do Lula. Foi o suficiente para que os jornais se aproveitassem disso", explicou.